



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

MILENA ARAÚJO DE SOUZA

**“TORNOU-SE UM MONSTRO INFERNAL!”: AS REPRESENTAÇÕES
NA LENDA DA MULA SEM CABEÇA DE MARION VILLAS BOAS (2011)**

**CAMPINA
GRANDE
2024**

MILENA ARAÚJO DE SOUZA

**“TORNOU-SE UM MONSTRO INFERNAL!”: AS REPRESENTAÇÕES NA
LENDA DA MULA SEM CABEÇA DE MARION VILLAS BOAS (2011)**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduação em História.

Área de concentração: Cultura e
Sociedade: Imaginário e Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra Noemia Dayana de Oliveira.

**CAMPINA
GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729t Souza, Milena Araujo de.
"Tornou-se um monstro infernal!" [manuscrito]
: as representações na Lenda da mula sem cabeça de Marion
Villas Boas (2011) / Milena Araujo de Souza. - 2024.
61 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.
"Orientação : Profa. Dra. Noemia Dayana de Oliveira,
Coordenação do Curso de História - CEDUC. "
1. Lenda. 2. Medo. 3. Mulher. 4. Religião. I. Título
21. ed. CDD 801.95

MILENA DE ARAÚJO SOUZA

“TORNOU-SE UM MONSTRO INFERNAL!”: AS REPRESENTAÇÕES NA LENDA DA MULA SEM CABEÇA DE MARION VILLAS BOAS (2011)

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em História.

Área de concentração: Cultura e Sociedade: Imaginário e Linguagem.

Aprovada em: 25/06/2024.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
NOEMIA DAYANA DE OLIVEIRA
Data: 28/06/2024 16:46:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Noemia Dayana de Oliveira
(Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Documento assinado digitalmente
OFELIA MARIA DE BARROS
Data: 27/06/2024 09:58:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ofélia Maria de Barros.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Documento assinado digitalmente
PATRICIA CRISTINA DE ARAGAO
Data: 27/06/2024 19:33:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão.
(Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)

A minha família e amigos, pelo apoio,
companheirismo e amizade,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a minha família, em especial a minha mãe e minha irmã Cristina, por sempre acreditar em mim e me apoiar mesmo quando cheguei a beira de desistir, vocês são tudo pra mim, agradecer também a meu pai por sempre apoiar meus estudos e chorar comigo no dia que soube que tinha entrado no curso, nunca irei me esquecer desse dia. Aos demais, obrigada.

Agradeço à minha orientadora, Noemia pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, compreensão e companheirismo durante todo o processo, você esteve sempre presente e me apoiando quando sai dos trilhos e me parabenizando quando voltava a eles, muito obrigada por ter participado de um momento tão importante na minha vivência acadêmica.

A meus companheiros de curso, em especial a Heloisa Helida, Mateus Grangeiro e Suellen Nóbrega por ter feito da minha graduação um momento leve e de muitas risadas, obrigada por participarem tão integralmente dos meus dias e me apoiarem em tudo, amo muito vocês.

A Eptácio, a melhor copiadora da UEPB, por todo apoio nos estudos e na vida pessoal, além de um excelente profissional é um ótimo amigo e que me apoiou em momentos em que tudo o que queria era desistir, obrigada por me manter no caminho. Amo muito você.

A meu avô João, tia Zezinha e Max (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força sempre que que precisei, amo muito você e sinto falta a cada dia da minha vida. Se hoje estou fazendo tudo o que faço é porque tenho a certeza que vocês estiveram ao meu lado sempre.

Aos professores do Curso de história UEPB, que contribuíram ao longo de toda a graduação, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa e de toda minha carga acadêmica, guardarei no coração todo aprendizado.

A professora Patrícia Cristina, por me proporcionar a vivência na residência pedagógica, ao professor Matusalém Alves por permitir que fosse sua monitora, a Juvandi de Souza por me aceitar no LBAP e me enriquecer com tudo envolvendo antropologia, arqueologia e antropologia, áreas que gosto tanto.

Aos funcionários da UEPB pelo atendimento quando nos foi necessário e por serem tão prestativos comigo sempre que precisei, em especial a Emerson e Polyana da Coordenação de História, vocês cansaram de me ver e perguntar tantas coisas.

Aos colegas de classe pelos momentos de apoio.

"Os contos variam infinitamente, mas os fios são os mesmos. A ciência popular vai dispondos diferentemente. E são incontáveis e com a ilusão da originalidade." (CASCUDO, 2003 Contos Tradicionais do Brasil p.22)

RESUMO

No proposto Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) será abordado uma análise geral das representações presentes no livro "Mula Sem Cabeça" da autora Marion Villas Boas e ilustração de Marcelo Pimentel, com um olhar historiador dessas representações contidas no livro. No primeiro capítulo do trabalho será abordado as questões históricas e teóricas acerca da aparição e divulgação do termo lenda, como ela se espalhou nos territórios, como foi denominada nas sociedade e como esse conceito foi trazido para o Brasil. Também neste capítulo será abordado a indefinição geográfica da lenda analisada no posto de trabalho e as construções históricas, culturais e religiosas dessa lenda no território brasileiro. Já no segundo capítulo será abordado aspectos teóricos e históricos do surgimento da literatura enquanto fonte histórica e qual a visão historiográfica sobre essa nova fonte histórica e quais são suas características enquanto fontes. Por fim, será abordado no terceiro e último capítulo as análises feitas das representações da mulher, padre, medo e religião contidos na lenda da Mula Sem Cabeça da autora Marion Villas Boas, visão essa, feitas pela autora do trabalho seguindo suas próprias visões e teorias.. As metodologias utilizadas foram leituras bibliográficas para entender os conceitos utilizados nesse trabalho como representações; a visão da historiografia sobre a gênero literário, enfatizando o seu uso como fonte histórica e a análise feita a partir das próprias visões e teorias da autora do trabalho, lembrando que a análise feita pela autora seguiu os embasamentos teóricos das leituras bibliográficas feitas ao longo do trabalho.

Palavras-Chave: Lenda; Medo; Mula Sem Cabeça; Mulher; Religião.

ABSTRACT

In the proposed Course Completion work (TCC), a general analysis of the representations presented in the book "Mula Sem Cabeça" by author Marion Villas Boas and illustration by Marcelo Pimentel will be covered, with a historical perspective on these representations contained in the book. The work will address historical and theoretical issues about the ownership and dissemination of the term legend, how it is considered in the territories, how it was indicated in society and how this concept was brought to Brazil. in the workplace and in the historical, cultural and religious constructions of this legend in Brazilian territory. In the second chapter, theoretical and historical aspects of the emergence of literature as a historical source will be addressed and what is the historiographical vision of this new historical source and what are its characteristics. as sources. Finally, the third and final chapter will address the analyzes made of the representations of women, fathers, fear and religion contained in the legend of the Headless Mule by author Marion Villas Boas, a vision made by the author of the work following her work. views and theories.. The methodologies used were bibliographic readings to understand the concepts used in this work as representations; the vision of historiography on the literary genre, emphasizing its use as a historical source and the analysis made from the author's own views and theories of the work, remembering that the analysis carried out by the author followed the theoretical foundations of the bibliographic readings carried out throughout the work .

Keywords: Fear. Headless mule. Legend. Religion. Woman.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Marion Villas Boas	36
Figura 2: Marcelo Pimentel	37
Figura 3: Capa do livro “A Mula Sem Cabeça” de Marion Villas Boas (Ilustrações de Marcelo Pimentel)	37
Figura 4: Cidade ilustrada por Marcelo Pimentel no Cordel da Marion Villas Boas	38
Figura 5: Cena do Cordel.....	39
Figura 6: Imagens do medo	40
Figura 7: Corrida da salvação.....	43
Figura 8: A fé ilustrada	44
Figura 9: perdão pelos meus pecados.....	46
Figura 10: “Moço guapo e varonil”	48
Imagem 11: Santa Virgem Maria.....	49
Figura 12: Um grande milagre.	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CONCEPÇÕES E ORIGEM DAS LENDAS NA SOCIEDADE.....	15
2.1. A construção das lendas no território brasileiro	20
2.1.1. A indefinição geográfica da lenda da Mula sem cabeça no Brasil.....	24
3. A HISTÓRIA E A LITERATURA DE MÃOS DADAS: AS LIGAÇÕES TEÓRICAS ENTRE AMBAS	27
3.1. A literatura como fonte histórica.....	31
4. O LIVRO “A MULA SEM CABEÇA” DE MARION VILLAS BOAS (ILUSTRAÇÕES DE MARCELO PIMENTEL) E A ESTÓRIA.....	35
4.1. A religião e o medo na lenda da Mula Sem cabeça.....	38
4.1.1. As representações da mulher e do padre na lenda da Mula Sem Cabeça	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

As lendas são sem dúvidas umas das formas que mais moldou a sociedade, seja pelas grandes histórias dos heróis ou pelo medo de maldições e grandes vilões. As lendas na sociedade surgiram principalmente no Oriente, o Veda seria um dos primeiros escritores que viria, posteriormente, as mais famosas e conhecidas lendas, dos grandes deuses, da criação e da lealdade dos humanos a serem místicos. As lendas e mitos foram um dos jeitos que a humanidade encontrou de perpetuar sua fé, tendo como representatividades religiosas os deuses que compõem os grandes escritos.

Para as concepções de lendas e a sua geografia, parti das teorias apresentadas por Bayard (2005) e por Cascudo (2012), onde pude entender e teorizar melhor todos os pontos acerca da definição de lenda, com ênfase às concepções que temos no território brasileiro. Pensar lenda é um trabalho essencial para que possamos entender a sociedade que baseiam suas próprias vidas e crenças nisso. A sua geografia foi algo que me intrigou, por mais que seja claro que a lenda se desenvolve nas áreas rurais, não é específica de determinado Estado, ela estava onde era conveniente, ou melhor, quando era do interesse dos “maiores”. Quando pensamos no Deus que a igreja católica tem como ser superior, podemos observar que em outras culturas e religiões também existirá essa mesma representação, em exceção as culturas e religiões politeístas, que cultuam mais de um Deus. Observar a abrangência que a lenda proporciona na religião e cultura é de fato, interessante.

No entanto, não foi apenas na religião que a lenda teve sua influência, a cultura foi diretamente influenciada pelas grandes histórias. Quando pensamos na Roma Antiga por exemplo, com a mitologia grega, ou nos brasileiros com nossas lendas que criaram diversos significados e modos de vidas a partir das grandes histórias. O combustível do ser humano é a esperança e conhecer, escutar ou até presenciar determinadas histórias fez com que a sociedade fosse moldada a isso: a esperança a um ser que não se pode ver ou histórias que não foram vividas.

A geografia dessas lendas é incerta, desde suas criações, principalmente no Oriente como já mencionado, não podemos definir com exatidão sua localização, no entanto, com suas semelhanças com outras culturas e outras histórias podemos analisar a partir de uma visão geral. Por

exemplo, a cultura dos mitos nórdicos, sabemos que é dos países nórdicos da Europa como atual Dinamarca, Suécia, Finlândia e outros; já as lendas brasileiras estão espalhadas por todos os Estados brasileiros e tem suas próprias formas, no entanto, sempre com a mesma moral em sua história.

Quando pesquisei acerca da Mula Sem Cabeça, me deparei com uma indefinição geográfica grande, em locais diferentes a lenda era contada com algumas modificações, mas com a mesma moral no fim de sua história. Ter a visão de muitas versões me fez perceber que o ambiente modifica a percepção dos acontecimentos, em determinados lugares é necessário modificar uma coisa ou outra, para atingir o propósito desejado. Quando digo isso, me refiro à igreja, a principal responsável por espalhar as lendas na sociedade.

No início da colonização, advinda dos países Ibéricos como Espanha e Portugal, chega ao Brasil as lendas. O choque cultural entre os povos indígenas e os Portugueses, com suas culturas e religiões diferentes, fez necessário por meio dos portugueses a catequização dos povos originários, com isso, as lendas passaram a ser introduzidas na sociedade brasileira. No entanto, muito se foi feito com essas grandes histórias e sua visão passou a ser utilizada para certos benefícios. A igreja católica, como exemplo, utilizou das lendas e mitos para certificar que seu poder iria perpetuar, seja por medo ou respeito.

Para entender melhor o impacto cultural, utilizei uma literatura que conta uma versão da lenda da Mula Sem Cabeça para analisar e tirar conclusões com um olhar historiador, mas para isso acontecer precisamos primeiro entender as visões historiográficas sobre o uso de literatura como fonte histórica, ou seja, quais os critérios ou os obstáculos para se utilizar esse tipo de fonte na produção historiográfica.

Já para as concepções da literatura como fonte histórica, utilizei Chartier (1999), Braga (2021) e Barros (2010), os pensamentos dos autores mencionados fizeram com que eu entendesse a construção historiográfica da validação de documentos como fonte, entre eles, a literatura. Para Chartier (1999), por exemplo, ele acreditava que o historiador se aproximava (em certo momento) do autor de uma literatura, porque ambos estavam escrevendo suas próprias percepções sobre determinado fato.

Entender as noções históricas que a literatura proporciona traz aos escritos históricos uma nova perspectiva. Todo e qualquer texto está sujeito a interpretações

e a literatura seria uma dessas, no entanto, esse não foi o principal motivo que esse gênero foi aceito como fonte. A falta de documentos, de certo, foi o principal motivo. Como escrever história sem fonte? Sem um documento com datas, lugares e nomes? Foi a partir disso que os olhares se voltaram para a literatura, vendo-a como uma perspectiva de uma Nova História.

Com essa nova perspectiva de Nova História (mencionado por Barros (2010)) a literatura passa a ser analisada historicamente e a partir dela novas versões da história foram feitas. Essa nova possibilidade nos trouxe um avanço nos estudos históricos significativo, nos trazendo ao atual trabalho: uma análise histórica tendo como fonte uma literatura

A lenda analisada no proposto trabalho, a da “Mula Sem Cabeça”, representada em um livro da Marion Villas Boas e ilustrações de Marcelo Pimentel. No livro, Boas (2011) propõe sua visão em estrofes e versos de um cordel com aspectos de vigência na zona rural. A análise feita neste livro teve contribuições significativas sobre as concepções de Cascudo (2012) também sobre a temática, principalmente por se tratar do mais famoso em estudos folcloristas no Brasil. Outro aspecto que também reparei, no entanto, foi a falta de estudos folcloristas no Brasil, mesmo tendo tido boas leituras, senti a falta e mais interesse dos historiadores para a temática.

O livro retrata o ponto de vista de um narrador (que não foi nomeado) acerca da sua vivência com o encontro dele e a Mula Sem Cabeça. Ao longo da narrativa, ele vai colocando pontos sobre os personagens, sobre sua vivência, sobre o medo e sobre sua fé. Os pontos colocados pelo narrador fazem com que uma análise de representações seja feita por mim, analisando qual seria o papel de cada um (mulher, padre, medo e religião) dentro da história, e ainda, qual seus impactos sociais e qual seria a moral da história.

Pensar nessas representações faz surgir inúmeros questionamentos dos seus lugares dentro da história, ou até mesmo do motivo de cada um ter determinado papel. Por exemplo, a mulher é representada com inferior e impura, merecendo uma maldição por seu pecado; já o padre, religioso e membro da igreja mal é mencionado na história; o medo e a religião, por outro lado, estão lado a lado na história.

Ao longo da leitura percebi que nos trechos que menciona a religião, a fé ou a Virgem Maria, sempre está atrelado a maldição, ou a aparição da Mula Sem Cabeça,

ênfatizando o castigo que a moça recebeu por seu pecado. Os pontos analisados foram minuciosamente questionados e expostos ao longo do trabalho.

A divis3o escolhida para a estrutura textual foi em capítulos e sess3es dentro de cada um para melhor compreens3o dos pontos que foram estudados. No fim, o último capítulo conta com uma análise sobre as representações encontradas no livro de Boas (2011) como mulher, padre, religi3o e medo. Pensar sobre essas representações faz com que passemos a questionar os versos, o uso de palavras e até mesmo as ilustrações de Marcelo Pimentel. Todas essas características foram problematizadas, principalmente pela vis3o da igreja perante determinado acontecimento. A religi3o e o medo estavam, sem dúvidas, lado a lado na lenda e problematizar aspectos que não deveriam se unir foi um bom desafio. Vale ressaltar que o atual trabalho se trata de uma análise.

Analisar as representações de mulher e padre, opostos na lenda também, devo assumir, me custou muitas dores de cabeça. A mulher, nas sociedades antigas, sempre foi vista como interior e essa vis3o foi colocada também na escrita da lenda, ou melhor, na sua criaç3o. Qual foi seu intuito? Por medo? Com que finalidade? Questionamento e mais questionamento vão surgindo na mente. Mas muitos outros surgem sobre o papel do padre na história, ou até mesmo a quest3o de impor tanto medo na lenda, seria uma forma de impedir que coisas parecidas com o que é contada na história acontecesse? Acredito que sim. Suas motivações são incertas, mas a historiografia está aí para isso: questionar.

2. CONCEPÇÕES E ORIGEM DAS LENDAS NA SOCIEDADE

Quando pensamos no conceito de lendas, primeiramente devemos considerar o significado da palavra, para que assim, possa entender seu significado literal. A palavra tem origem no latim, que significa “o que deve ser lido” (BAYARD, 2005), segundo o autor a palavra era usada para designar a vida dos santos e dos mártires; lidos em locais públicos dentro dos conventos, no entanto, com o passar do tempo foi adentrando no cotidiano da vida popular.

A partir da popularidade das lendas elas passaram a ter um caráter mais imaginário, um embelezamento a partir da criação de um herói, um sujeito histórico. Dentro dos conceitos de lendas ainda pode-se definir a fábula, sendo o texto escrito em versos, com seus personagens animais, providos de aptidões humanas. Já o conto é uma narrativa encantadora baseada no romance (BAYARD, 2005). Por fim, temos o mito, que é uma forma de lenda, todavia, ela se baseia nos personagens com aspectos divinos, como deuses e seres mágicos. Os mitos têm um caráter sobre-humano e ilógico. Não se pode esquecer, entretanto, as lendas com personagens mágicos como bruxas e fadas, que geralmente estão ligadas a mitologia. “As ações se fundamentam em fatos históricos conhecidos e tudo parece se desenrolar de maneira positiva. Frequentemente a história é deformada pela imaginação popular” (Bayard, 2005, P. 09).

As lendas nos proporcionam uma fugacidade da realidade, permite que a imaginação flua e que o mundo descrito na lenda se torne uma extensão grandiosa do mundo real. Bayard cita:

Esse divertimento do povo é sua aspiração secreta, sua busca espiritual de um mundo maravilhoso onde impere o valor do homem, onde as leis, tão detestadas, sejam abolidas. E o encantamento, a volta ao Paraíso Terrestre. (BAYARD, 2005, p. 10).

Outro aspecto que se deve levar em consideração no que se refere às lendas é sua temporalidade. Muito se acredita que ela advém desde os primórdios da humanidade, todavia, foi após a pré-história, com a chegada do diálogo modernista e a escrita que ela começou a ganhar forças, na perspectiva de que com essa

interação ocorra também a necessidade de se criar um imaginário nas conversas, ou seja, uma forma mais divertida de dialogar entre os cidadãos.

De fato, a escrita veio como uma inovação, para que a partir dela pudesse registrar diversos assuntos e pudesse evoluir em outras áreas. Ainda assim, é a partir da história oral que se desenvolvem as histórias que gostamos de escutar dos nossos familiares. Na pré-história, os desenhos que hoje classificamos como pinturas rupestres podem-se classificar como uma lenda, cada desenho representa uma história, um acontecimento, seja fictício ou não.

Bayard (2005) acredita que os primeiros escritos, uma literatura coletiva são originários da Índia:

A Índia foi a primeira a nos fornecer o índice escrito desse folclore mundial, o que não implica que a Índia seja o seu berço. Divulgados oralmente, esses contos foram talvez escritos e conservados em outros países, mas sua mensagem não chegou até nós: por muito tempo ignorou-se as riquezas contidas nas pirâmides cujos segredos ainda não foram completamente desvendados, o que não permitiria aos nossos filhos dizerem que as pirâmides não contêm nenhum segredo. (BAYARD, 2005, p. 10 - 11).

Para o autor, os escritos advindos da Índia são a base para os escritos folcloristas¹ ao longo da escrita das lendas e dos mitos. Como uma espécie de “mistura” para que vários aspectos de religiões, histórias e fantasia seja transformada em um mito ou uma lenda. Aspectos do budismo, catolicismo e demais religiões podem ser facilmente identificados em muitas dessas lendas e mitos.

Devemos salientar que a força que uma lenda tem nas sociedades, em especial a que será trabalhada nesse texto: a brasileira foi significativa, visto que, a história oral foi um dos métodos mais usados nos tempos antigos para divulgação de histórias, sejam para narrar um heroísmo, uma maldição ou um mau presságio. Consideramos que as lendas e os mitos ocuparam um espaço e tempo significativo ao longo da nossa história.

¹ Os estudos do Folclore são a soma das manifestações socioculturais históricas de uma comunidade, em função da preservação para as novas gerações, bem como do estudo sociológico. Antes de esse termo ser definido, durante o século XVIII estudiosos alemães viajaram para documentar canções populares da Europa sob a ideia de que cada povo possui uma mitologia. Com o passar do tempo essa prática se difundiu em outros locais com nacionalidades nascentes ou cujo poder geopolítico estava se expandindo

Não podemos deixar de destacar que a base é sólida, mas muito do local, da moral, da cultura foi propício para que as lendas fossem se modificando em diferentes locais. As formas de pensar de cada sociedade também influenciam para que a lenda seja vista e repassada de formas diferentes. É importante pensarmos que por mais que a lenda ou o mito tenha suas histórias contadas de formas diferentes em cada local ou povos ela não é mentira. Pensar a lenda como mentira leva a uma desvalorização da história local, da imaginação comunitária, da esperança que determinadas sociedades têm em seus mitos, lendas, deuses, tradições e muito mais.

Teria havido navegadores, verdadeiros aventureiros, que transportavam ensinamento de uma à outra civilização e o ritmo da vida era assim o mesmo em cada mais. A América possuía suas fundições no mesmo período que Asia ou a Europa. (BAYARD, 2005, p. 12).

Não se sabe ao certo onde surgiu as lendas e os mitos, me refiro aqui, a localizações geográficas, mas se sabe, que a Índia possui os documentos antigos, os Vedas² em que foi encontrado muito da base sólida dos nossos mitos e lendas, ou seja, foram neles que encontramos os registros mais concretos que conhecemos na atualidade.

Quando nos deparamos com o tema ou o título de certas lendas nos perguntamos muitas vezes o porquê ela foi nomeada daquela maneira e o porquê a temática foi propícia para que ela fosse criada. Por exemplo, quando observamos a lenda da Mula Sem cabeça, nosso objeto de estudo, nos perguntamos primeiramente o que a mulher fez para que lhe fosse jogada a maldição sobre ela, pensamos também o papel do padre na história e por último qual a mensagem o autor dessa lenda quis passar no momento de sua criação.

Pensar esses assuntos faz com que nossa mente trabalhe e nos forneça questionamentos para entendermos o papel de cada personagem que compõem a lenda. Bayard (2005) cita que os temas das lendas são formados por “transposições de sentimentos e desejos humanos a lenda abole o real” (BAYARD, 2005, p. 12). Em uma citação mais precisa o autor comenta:

² Suas crenças foram transmitidas oralmente de geração em geração por muitos séculos até serem transcritas nos Vedas, compilação de hinos e preces considerada como o primeiro livro sagrado da história.

O homem - infeliz torna-se poderoso. A pastora bela e incompreendida, desposa um príncipe encantado; o sapatinho perdido, emblema de sua beleza, o cultuado na Índia. As mulheres, prisioneiras dos hábitos, vivem sob a dependência do homem; as princesas terão liberdade e o rei será passivo. O subconsciente criou uma "supercompensação" para os nossos sentimentos de inferioridades. (BAYARD, 2005, p. 13).

O nosso subconsciente, como menciona Bayard (2005) nos torna seres imaginários, criando a partir dos nossos desejos, contextos, histórias e realidades para explicar, divertir ou até homenagear outras pessoas, bem como, desonrar e demonizar outras. A lenda tem o poder de unir uma sociedade, de pôr medo e esperança em povos e de guiar muitos para realidades que serão apenas alcançadas em um futuro, mas que chegará, uma hora ou outra.

Dentro do próprio conceito de lenda podemos elencar variações como lendas religiosas, lendas fantásticas, lendas heroicas e lendas de mau presságio. Quando falamos de lendas religiosas, podemos exemplificar com a lenda da mula-sem-cabeça, visto que a temática gira em torno da consequência de um pecado: uma maldição; as lendas fantásticas estão mais ligadas aos seres místicos, a exemplo das fadas ou as feiticeiras, meio humanos que são capazes de dominar a magia; as lendas heroicas estão relacionadas a valentia de determinado personagem, mostrando que sua força é inexplicável, a exemplo de Aquiles, na Mitologia Grega; já as lendas de mau presságios são aquelas que trazem uma mensagem de acontecimentos ruins, sejam os que irão acontecer ou os que já aconteceram, como exemplo podemos citar "Uma história de mau presságio no interior do Ceará (1950-200) de autoria de Francisca Eudésia Nobre Bezerra³.

Cada área do conhecimento terá seu ponto de vista acerca das lendas e dos mitos, a história os tem como parte de uma forma de explicar a sociedade e seu comportamento, bem como a Sociologia e a Filosofia que compartilham de pensamentos semelhantes; já a Psicanálise, baseada nos estudos de Sigmund Freud interpreta esses contos da mesma forma que os sonhos, ou seja, tudo não passa de imaginários formados por nossa mente.

³ Graduada em História pela FECLESC – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. Mestranda pelo programa de Mestrado Acadêmico em História- MAHIS, da Universidade Estadual do Ceará.

Bayard (2005) deixa claro em seu texto que a lenda histórica é fundamentada em fatos, mas modificada de acordo com o que se quer provar. Veremos muito disso nas lendas brasileiras, visto que, nelas podemos perceber os aspectos do real homogeneizado com o imaginário. Como acreditar em uma lenda de um herói que morreu há 200 anos e sua história só ser contada agora? O que está escrito é real? Imaginário? Uma história fantasiosa? Muitas perguntas são debatidas acerca das criações de lendas e o que se tem de mais concreto é: lendas estão sempre em formação, em representações, onde elas devem estar para explicar ou não um fato.

Com a popularização das lendas e mitos nas sociedades, em 1846 W. J. Thoms criou a palavra *folklore*, onde *folk* significa povo e *lore* significa saber ou conhecimento (BAYARD, 2005). A partir disso os adeptos desse movimento foram ganhando força com um tipo de estudo e escrita. Após os anos de 1897, depois de Perrul publicar suas Histórias e Contos na Editora Barbin em Paris abriu-se portas para muitos folcloristas que quisessem publicar seus textos, autores como os Irmão Grimm⁴ que publicaram seus compilados de contos derivados da história oral, em 1810; Walter Scott⁵ fez o mesmo em 1820 na Inglaterra.

Bayard (2005) define o folclore da seguinte maneira:

Contudo, o folclore não se interessa unicamente pelo passado; dedica-se também ao presente, tanto em economia política como em instituições, oficiais ou atividades populares. Saintyves assim o definiu: “É a ciência da vida popular no seio de sociedades civilizadas. (BAYARD, 2005, p. 16).

É um fato que a explicação dos contos é de certa forma fantasiosa, mas não podemos deixar de identificar sua importância na sociedade, para a criação de uma identidade, para a divulgação do herói à diversão, e para a ligação de fatos.

O folclore permitiu preencher essas lacunas e acompanhar a evolução da psicologia coletiva mesmo fora das grandes civilizações que nunca foram homogêneas. Essa cultura tradicional, devida à massa popular à margem do ensino oficial, tem uma base permanente que, apesar de incompleta, assegurou definitivamente a estabilidade das sociedades sucessivas. Essa camada inferior, verdadeira corrente cultural, transmite-se de geração em geração e é graças a ela que os contos foram conservados. (BAYARD,

⁴ Nascidos em Hanau, na Alemanha, no século XVIII, Jacob Grimm (1785 – 1863) e Wilhelm Grimm (1786 – 1859) formaram-se em Direito, mas iniciaram suas carreiras de escritores estudando o folclore alemão e a linguagem popular daquela época.

⁵ Sir Walter Scott, foi um romancista, poeta, dramaturgo e historiador escocês, o criador do verdadeiro romance histórico, nascido em 1771 no Reino Unido e morreu em 1832 também no Reino Unido.

2005. p.16).

O folclore foi a responsável por perpetuar essas lendas e mitos na sociedade, com o estudo folclorista, que trouxe a perspectiva que o que foi dito a muito tempo, em sociedades que não conhecia a escrita ou até mesmo aquelas que no dia a dia produziam suas histórias fosse possível sobreviver até hoje. As lendas que falam da mulher, demonizando, pondo em um lugar de pecado, trazendo sua figura como ruim é fruto de uma sociedade masculina e tradicional. A visão que se tem de vários aspectos da vida cotidiana é representada nos mitos e lendas de formas geralmente fantásticas e imaginárias, retratando o desejo que o indivíduo ou a sociedade tinha.

Quando falamos ao longo dos textos sobre mitos, lendas e folclore, colocamos esses três conceitos juntos, sem separar ou levar em conta suas definições atualmente. Faço isso justamente pela perspectiva que coloco esses três conceitos, como sinônimo, visto que elas estão representando o mesmo momento histórico de criação e difusão.

2.1. A construção das lendas no território brasileiro

A concepção de lenda dentro do território brasileiro é um debate plural, quando encontramos representações das lendas, em especial a trabalhada no atual trabalho, da mula sem cabeça nos deparamos com vários locais que contam versões bem parecidas uma das outras, devo enfatizar, da mesma lenda. Observamos com isso, que essa lenda não tem uma origem fixa em um local no território brasileiro, mas sim, representações diferentes em cada Estado com suas especificidades, com suas culturas e com suas vivências.

Sabe-se que os mitos brasileiros são advindos de três origens culturais: a portuguesa, a indígena e a africana (CASCUDO, 2012). Essas influências criaram dentro do território brasileiro suas próprias histórias e versões sobre a cultura e a vida, como afirma Cascudo (2011) cita:

Mas o elemento judaico, aproveitando as facilidades, emigrou e com ele superstições e pavores. As “denúncias” que conhecemos de Bahia e Pernambuco são atestados da extensão das crenças e o incrível

alastramento das “busões” israelitas, já assimiladas e confusas na psique ibero-tropical. (CASCUDO, 2011, p. 47).

É inegável o fato que Cascudo (2011) coloca em seu texto “*Geografia dos Mitos Brasileiros*”, sobre a influência do branco, do ocidente e do colono na construção dos mitos. Esses vestígios se perpetuaram até os dias atuais e se enraizaram nas nossas lendas brasileiras. A colonização da Ásia e da África pelos portugueses nos trouxe lendas e mitos advindos desses países. Portugal seria um modelo fiel da Europa, e suas colonizações trouxeram mais lendas do que suas tão sonhadas especiarias.

Mas no Brasil, qual era a finalidade dessas lendas? Como elas se multiplicaram? Quais eram suas reais intenções? Muitas dessas perguntas foram feitas por Cascudo (2011) em seu livro. A miscigenação foi um dos pontos, segundo o autor, cruciais para a evolução dessas lendas, mas não só isso, o dia a dia, as festas, o trabalho no campo eram locais propícios para que essas lendas fossem ganhando vida e sendo repassadas de geração em geração.

O português plantou as estacas da fazenda de criar, do “sítio”, do “roçado”. Fez a família, multiplicou os mestiços, amou as índias e negras e fundou, com seu imenso abraço amoroso, a raça arrebatada, emocional e sonora. Cada noite, metendo os pés na terra fria, olhando as estrelas claras, erguia a voz, contando estórias... Povoava a noite com seus assombros, os assombros que tinham vindo com ele nos galeões, com o Governador-Geral. Lobisomens, Mulas-sem-cabeça, Mouras-tortas, animais espantosos, cavalos-marinhos, relações que furam a treva numa brusca chicotada de fogo, lumes errantes, gigantes, anões, mágicos, reis do mato, das águas e dos ares surgiam, evocados do mistério. E foi, insensivelmente, aformoseando, enfeitando, com o prestígio de tantos séculos de beleza milagrosa dos mitos. Assim o boi- tatá disforme e matador virou o lume azulado dos Sant’Elmos, a boiuna esfomeada e repelente tornou-se senhora de palácios fluviais, e o ipupiara informe e bruto vestiu a cabeleira loira de Loreley, teve pele resplandecente e, do fundo dos rios, onde vive para devorar cadáveres, ergueu a magia irresistível numa voz miraculosamente suave. (CASCUDO, 2011, p. 48).

Quando pensamos sobre a influência dos portugueses nos mitos e lendas brasileiros, a exemplo da lenda da cuca, bicho-papão e lobisomem, nos deparamos

com algumas histórias que são advindas de outros estados, mas que são também conhecidas em outros. Essa pluralidade das lendas nos traz várias perspectivas da mesma cultura, no entanto, algumas lendas são mais conhecidas em alguns lugares, como por exemplo, em São Paulo não ouvimos falar da Caipora e no Norte, mal se sabe da existência do Saci-Pererê (CASCUDO,2011).

O português, batendo todo o Brasil com seus sapatões de bandeirante, carregava, em maior percentagem, seus mitos, herança inarredável e perpétua. Os mitos verdadeiramente “gerais”, que se mantêm com as linhas mestras, são de origem peninsular. Nenhum Saci-pererê, ignorado no norte e nordeste, nenhum Caapora, pouco definido em São Paulo e Minas Gerais, pode aceitar o desafio de medir-se com o Lobisomem que trota, cada sexta- feira, por todos os Estados do Brasil. O Mboi-tatá, verdade seja, acende seu clarão pelas cidades, vilas e caminhos, mas aceito normas europeias dos feux- follets, do Sant’Elmo, tendo estórias desencontradas, não se desenha, não se fixa, não se materializa. Os mitos portugueses, ou por eles trazidos, têm direito às prerrogativas do domínio. (CASCUDO, 2011, p. 49).

Já quando pensamos sobre a influência indígena nas nossas lendas, como a da lara, boto-cor-de-rosa e boitatá, devemos primeiro pensar do quanto a colonização portuguesa influenciou não só neste aspecto, mas também na língua, cultura, vestimenta, envolvimento e muitos outros assuntos. Esses pontos foram de extrema importância para a desconfiguração que os mitos e lendas indígenas sofreram. Muito do que se tem dessas lendas podem ser facilmente confundidas com os trazidos pelos portugueses, entretanto, ainda se pode perceber sobre as lendas indígenas. O curupira, por exemplo, é o responsável pela proteção das matas e geralmente as lendas indígenas são envolvendo as florestas, como é também o caso da Cumadre Fulozinha, também uma guardiã das matas brasileiras.

Seus mitos, logicamente, foram os primeiros catalogados e logo confundidos com os dos portugueses. Confundiram-se uns, ajustaram-se outros, completando-se aqui, avivando características além. Nos mitos indígenas, Tupis, melhormente estudados, a influência portuguesa não consegue deformar por inteiro, mas os populariza velozmente. Os portugueses aceitaram os duendes das florestas tupis como seres normais e capazes de façanhas idênticas às dos seus trasgos e olhapins. A teogonia tupi alargou o âmbito de seus adeptos. Nas noites escuras o pavor passava

das malocas indígenas para as casas-grandes, onde os colonos abriam os olhos espavoridos para a treva cheia de Curupiras e Lobisomens. (CASCUDO, 2011, p. 50).

A influência africana nas lendas do nosso território brasileiro, como a do Negrinho do Pastoreio e o Saci-Pererê, é a menos conhecida e valorizada em relação as demais, um dos principais motivos é a escravidão no início da colonização. O negro não tinha seu lugar de fala e as lendas advindas desse povo é sempre caracterizado com monstros e demônios. Suas outras características que também podemos perceber nas lendas são as influências nas músicas, danças e lutas.

No Folclore brasileiro a influência negra se positiva nas danças, nas diversões de conjunto, em certos autos populares, numa parte musical, em determinadas danças de roda para homens, especialmente as de parças soltas ou coletivas, nas estórias e na parte infantil. Nesse mundo dos meninos, o Negro é todo-poderoso. Contou estórias, ressuscitou animais monstruosos, explicou tesouros, mostrou as estrelas, casamento de astros, pavores noturnos, recalques que ficam vivendo na recordação da meninice. Bem rara será a figura do ciclo da angústia infantil que não tenha muito dos negros. Nenhum mito geral, porém, resistiu aos anos nem foi registado, partindo dos velhos escravos. O próprio Quibungo é o negro-velho preador de crianças, gênero universal. Nas estórias em que o Quibungo não assombra crianças e aparece como um antropófago, creio já ter sido sua ação modificada por um outro mito, o de um gigante ou homem devorador de carne humana, cujo nome se perdeu. Mesmo assim não há originalidade nessa inusitada ação faminta. Todo o ciclo dos monstros é antropófago. (CASCUDO), 2011, p. 50-51).

As lendas advindas da cultura africana e a falta de conhecimento de muitas delas pelas populações de outras partes do país é uma realidade que foi vivida na época da colonização e até os dias atuais. Pouco ou quase nada se conhece sobre Quibungo ou o Negro-Velho, no entanto, quando essas lendas são contadas estão em um espaço de mau pressagio, monstros ou coisa pior. Nenhuma lenda de influência africana será tão conhecida quanto as de influência indígena e principalmente, portuguesas.

Nenhuma aparição negra tem a extensão prestigiosa do Lobisomem, do Caipora, do Saci, da Mula-sem-cabeça, sabidos em todos os lábios brasileiros. O Quibungo surge na Bahia, centro de densidade africana, mas não emigra. As regiões vizinhas não conhecem. A faixa da sua influência é limitada e para que a transponha é preciso mudar aspecto e técnicas, ingressando no ciclo de outros pavores. (CASCUDO, 2011. P. 51).

Na citação acima o autor faz uma explanação do quanto a cultura africana no geral é pouco reconhecida, seus mitos e lendas são restritos aos locais com maior concentração de descendentes africanos, a exemplo da Bahia, que guardou a lenda do Quibungo em sua história, mas ele acerta quando diz que ela ficou apenas naquela região, porque ao pesquisar, podemos observar que nada aparece sobre essa lenda. Aos poucos, com os estudos acerca do folclore, essa realidade vai mudando.

2.1.1. A indefinição geográfica da lenda da Mula sem cabeça no Brasil

A geografia das lendas brasileiras é um misto de lugares, culturas e raízes. Digamos que é uma “grande mistura”, da cultura portuguesa, indígena e africana; dos lugares onde o lobisomem corre toda sexta-feira e a pequena vila que a mula-sem-cabeça corre soltando fogo. Todas essas características são universais, todavia, são alterados alguns detalhes para se adequar a cada localidade e realidade. Não podemos negar que as lendas brasileiras são um patrimônio memorial incrível, para que tenhamos a oportunidade de conhecer um pouco da imaginação coletiva, as influências coloniais e como foram seu impacto dessas lendas na sociedade e no individual. Cascudo (2011) tem uma excelente visão sobre o folclore brasileiro:

Os nossos são mitos de movimentos, de ambulação, porque recordam os velhos períodos dos caminhos, dos rios, das bandeiras, de todos os processos humanos de penetração e vitória sobre a distância. Quase sempre são mitos cuja atividade é apavorar “quando passam” ou “correm”. Curupiras, Caiporas, Mapinguaris, Sacis, Lobisomens seriam ineficazes em atitude hirta, como uma parada de monstros. Mesmo nos rios, lagoas e mar, os seres assombrosos não têm pouso fixo. Nadam para aqui e para além. A Loreley não deixa seu rochedo no Reno. A nossa lara é campeã de

distância a nado livre... Vivem os nossos mitos, como na teoria dos vasos comunicantes, em viagem ininterrupta, do Acre ao Rio Grande do Sul, dos araxás goianos à sombra dos pinheiros de Santa Catarina e Paraná, das montanhas de Minas Gerais aos tabuleiros do Nordeste, do sertão da Bahia aos buritizais maranhenses. Se houvesse uma égide para o nosso Folclore, nesse particular, não seria a esfinge de Gizé, imóvel e serena, desafiando a explicação humana, mas o Mboitatá, clareando e fugindo, atração e pavor, enchendo o próprio mistério de seduções imprevistas e de convites irresistíveis. (CASCUDO, 2011, p. 52).

Quando pensamos ou até mesmo pesquisamos as localidades em que cada lenda foi criada nos deparamos com uma definição imprecisa. As diferentes colonizações e a pluralidade e mestiçagem no Brasil as lendas foram se espalhando por todo o Brasil, causando assim, uma mistura de versos de todas as lendas em todos os lugares. Devo frisar, é claro, que em muitos lugares algumas lendas são mais reproduzidas do que outras, por vários motivos como a localidade, o ambiente e a cultura.

Vamos pensar, no Nordeste, o clima geralmente de seca, a lenda de Iara não será tão reproduzida no Estado como é na Amazônia, que é um local com muitos rios e pantanal. Em outro exemplo, podemos citar a da mula-sem-cabeça. Em grandes Estados como Rio de Janeiro e São Paulo não ouviremos falar muito dessa lenda como no Norte do país, onde tem uma grande quantidade de cidades no interior.

A lenda da Mula Sem Cabeça ou burrinha-de-padre (seu nome pode mudar em muitas versões) é advinda da península ibérica, vinda para o Brasil pelos portugueses no início da colonização. Suas versões são muitas fora do Brasil, e muitas outras foram se formando à medida que foi se explicando no nosso território. Cascudo (2011) menciona em seu livro:

“Não há lugar onde não exista uma estória sua. Um inquérito, como Rafael Cano fez na Argentina, traria material extenso, mas quase uniforme. [...] Tanto assim que são apontadas no sertão do nordeste as “burrinhas” em sua forma humaníssima e gentil de mulheres bonitas. A Mula-sem-cabeça é uma tradição que nos veio da Península Ibérica, trazida pelos portugueses e espanhóis. Corre toda América, desde o México, onde é a Malora, até a Argentina, onde é a Mula Anima. Chamam-se também Alma Mula, Mula Sin

Cabeza, Mujer Mula e Mala Mula. As versões são idênticas e sempre com finalidade punitiva embora parcial”. (CASCUDO, 2011, p. 168-168).

Em muitos mitos e lendas da cultura africana podemos observar que as mulheres, sempre mais velhas são representadas como humanas capazes de se transformar em tigres, lobas ou panteras, geralmente ligadas a algum pecado cometido contra a religião. A semelhança com a história da mula-sem-cabeça é inegável, visto que as representações das mulheres são sempre algo demonizadas ou até mesmo como seres merecedores de maldições.

Cascudo (2011) é o pioneiro nos estudos acerca das lendas no território brasileiro, e justamente por esse motivo é tão difícil identificarmos com mais precisão as suas origens no nosso território. Essa parte da nossa história necessita de novas visões, de novos estudos, mas a dificuldade de se conhecer uma parte do passado que não foi, em sua maioria escrita, torna a vivência dessa memória é desse patrimônio ainda mais complicado.

A história oral é uma fonte rica de informações e memórias para nossa história, no entanto, quando se fala do passado e necessita-se dela para reconstruir a história nos vemos em um “beco sem saída”. É nesse contexto que nos deparamos com pouco conhecimento histórico sobre nossas lendas, sobre suas origens, definições, geografia e muitos outros aspectos. As lendas devem e merecem mais reconhecimento, mais estudo e muito interesse, para que possamos construir uma excelente história, memória e patrimônio.

3. A HISTÓRIA E A LITERATURA DE MÃOS DADAS: AS LIGAÇÕES TEÓRICAS ENTRE AMBAS

A noção teórica acerca da ligação entre História e Literatura é antiga. Muitas vezes essa ligação está vinculada ao misticismo, ficção ou até mesmo ao ceticismo historiográfico, que por muito tempo sua importância e legitimidade foi discutida e fortemente questionada. Sendo assim, uma das maiores dificuldades da maioria dos pesquisadores seja a demarcação e identificação da História e até que ponto começa a História e onde começa a Literatura.

Elas se conectam e ambas utilizam de fontes e materiais para a construção das suas narrativas, visto que é a história que constituem os gêneros produzidos pelo homem inserido na temporalidade; e é ainda da História que a Literatura extrai boa parte dos seus materiais (Barros, 2010).

Contudo, é interessante pensar que a História tomou proporções interdisciplinares muito maiores e mais acentuadas a partir do século XX, devido às explosões de interdisciplinaridade, e, junto com ela, veio suas “crises”, que, segundo Barros (2010), essas crises interdisciplinares foram relativas à perda de vocabulário e de uma linguagem comum que pudesse unificar a Historiografia, sendo que houve a sua multiplicação e especialização dentro do próprio Campo da História.

Neste presente capítulo irei abordar sobre os principais indícios da utilização teórica entre História e Literatura e como esses conhecimentos se constituíram como caráter científico identificado pela existência da consciência da narratividade histórica. Ainda assim, serão apontados os reflexos dessas zonas narrativas e científicas nas produções historiográficas e na utilização da Literatura nas abordagens socioeducativas e históricas.

A narrativa historiográfica enfrenta desafios com relação a sua legitimação enquanto caráter científico condicionado a uma teoria e temporalidade, isso sem se recair na noção de dissolução da historiografia voltada para ficção na utilização dos seus discursos. Os discursos e a construção da História, a princípio, são constituído a partir de uma narrativa, correspondendo às ciências humanas, no geral, a possibilidade de atingir uma Verdade através da “compreensão” (Barros, 2010). Em linhas gerais, o sujeito produtor do conhecimento, está sempre inscrito na sua realidade subjetiva que o transcende através de seu pertencimento a outras

instâncias. Contudo, para que essa realidade subjetiva seja legitimada, o sujeito produtor do conhecimento está imerso às suas fontes, partindo do princípio teórico científico, não se constituindo apenas em objetos passivos analisados pelo historiador.

É importante mencionar a participação do objeto imerso nas pesquisas do sujeito produtor do conhecimento, que se dirige ao mesmo dialogando e fazendo a retomada entre passado e presente das fontes históricas. Ainda assim, existe a forte contribuição dos receptores do conhecimento, que também agregam de forma crítico-construtiva, na produção da mesma, uma vez que o intuito da História e das suas narrativas é poder oferecer ao leitor uma reflexão da própria consciência da sua existência no tempo. Tal existência dos acontecimentos no tempo, remete ao pesquisador a tarefa de construir uma lógica narrativa, que, de acordo com as proposições de Paul Ricoeur, temporalidade e narratividade reforçam-se reciprocamente.

Ver a literatura como local de produção narrativo é essencial para perceber seu lugar dentro dos textos historiográficos. A narrativa construtivista faz parte da história, portanto, a literatura, sendo produção construtivista (ou não) também faz, visto que as ligações com imaginário e realidade estão muito mais ligadas com a realidade do narrador, do que necessariamente com a história ou a literatura em si.

“A Literatura, através do moderno romance do século XX, com a sua incessante busca por novos modos de expressão e de apresentação do texto literário, já acenou há muito com uma riqueza de possibilidades narrativas que não parecem ter sido assimiladas por uma historiografia que, pelo menos neste aspecto, é ainda demasiado tradicional”. (BARROS, 2010 p. 20)

É inegável que a visão sobre a literatura (e demais formas de artes) ganhou um reconhecimento e um lugar de destaque em muitas sociedades. A visão romancista das produções levou com que tais produções fossem vistas e interpretadas de formas diferentes, com um olhar mais aguçado com perspectivas diferentes. A história está nos mínimos detalhes e na literatura, os detalhes fazem total diferença.

As ligações teóricas entre história e literatura são sem dúvida um grande avanço para novas formas de se contar história. Muitas produções literárias

passaram a ser vistas como fontes históricas, a exemplos dos textos bibliográficos que ao mesmo tempo que nos fazem mergulhar em uma história descrita, também nos dá informações sobre o autor ou personagem. A literatura reinventou a forma de se fazer história.

No entanto, Chartier (1999) cita duas formas que se deve usar a literatura como fonte, vale salientar que o autor acredita na perspectiva de que cada texto tem algo a mostrar, seja metaforicamente, teoricamente ou na área da ficção. “A primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica entre os textos” (CHARTIER, 1999 p. 197), ou seja, para que a literatura seja analisada historicamente ele deveria ter ligações diretas, por exemplo, um texto teórico de um filósofo ou uma biografia sobre determinado lugar, elevando assim, as chances de historicamente obter informações sobre assuntos semelhantes que estão descritos nesses textos.

A segunda forma seria a de olhar o texto literário com outros olhos, melhor dizendo, analisar a estética atual do livro e a partir dela retirar pontos que são propícios a uma análise historiográfica. Esse método é bem mais usado, visto que, as interpretações dos historiadores ficam mais livres e conseqüentemente, as representações são postas em seus textos com novos olhares.

“Tanto na Antigüidade como na ordem moderna do discurso literário, três noções constituem tal instituição. Em primeiro lugar, a identificação do texto com um escrito fixado, estabilizado, manipulável graças à sua permanência. Por conseguinte, a ideia de que a obra é produzida para um leitor, e um leitor que lê em silêncio, para si mesmo e solitariamente, mesmo quando se encontra em um espaço público. Por último, a caracterização da leitura como a atribuição do texto a um autor e como uma decifração do sentido”. (CHARTIER, 1999 p. 198).

No entanto, Chartier (1999) menciona que o historiador deve manter-se longe desses três aspectos mencionados na citação acima, visto que para compreender as produções, contextos, apropriações de obras do passado e demais aspectos de toda escrita, devemos nos abster de visões que não seja as críticas e analíticas, principalmente se nos depararmos com textos literários que estão distantes (e ao mesmo tempo não) de textos historiográficos, pelo simples motivo de o gênero não

ter esse sentido, mas sim de entreter o leitor, mantê-lo dentro de um universo descrito, seja real ou não.

É também a partir dos textos analisados, que o historiador vai se aproximar da historicidade e instabilidade do autor, bem como Chartier (1999) cita:

“É ali onde se fixam as categorias fundamentais que organizam a ordem do discurso literário moderno, tal como Foucault o caracterizou em dois textos célebres, *Qu'est-ce qu'un auteur?* e *L'ordre du discours*: o conceito de obra, com seus critérios de unidade, coerência e persistência; a categoria de autor, que faz com que a obra seja atribuída a um nome próprio; e, por último, o comentário, identificado com o trabalho de leitura e interpretação que traz à luz a significação já presente de um texto”.(CHARTIER, 1999 p. 198).

Essas três características descritas pelo autor trazem uma nova forma de catalogar as literaturas, ou melhor, qual será o passo inicial para sua análise. “A função-autor é característica do modo de existência, circulação e funcionamento de certos discursos no seio de uma sociedade” [sublinho eu]”. (CHARTIER, 1999 p. 199), ou seja, tal função descrita pelo autor implica em uma distância do autor com o sujeito que está sendo descrito na obra, no entanto, a pluralidade do autor na obra faz dele sujeito do próprio discurso. Por exemplo, uma obra descritiva sobre um assassinato faz com que o sujeito descrito seja culpado ou não, outro personagem fazendo o papel de justiceiro também está inserido na obra. O autor, por descrever os personagens, se aproxima e se afasta radicalmente dos personagens, criando uma pluralidade de emoções e discursos em seu próprio nome.

“Paradoxalmente, ironicamente, a dissociação entre o sujeito e o autor, entre o eu e o nome próprio, torna-se um desejo de identificação como se o indivíduo não pudesse, ou não quisesse escapar da forma de existência e sobrevivência procurada, prometida pela função-autor”. (CHARTIER, 1999 p. 200).

Para Chartier (1999) a divisão de autor para sujeito, ligada a função-autor está associada ao desejo de ser inserido no que escreve ou o que se ler, em um exemplo que o autor dá em seu texto, usando como base o texto de Borges, “Borges e eu” publicado em, O fazedor em 1960 ele nos apresenta as perspectivas que o

autor e o sujeito descrito (que carrega o mesmo nome) sobre qual a distância de uma para o outro, ou no caso, qual a semelhança que existe entre eles, isso deixa claro que não existe produções, seja historiográficas ou não advindas do nada, sempre há perspectivas, visões e uma pitada de seus autores. A obra de certa maneira sempre vai espelhar o autor e Chartier deixar, em seu texto explícito, essa mentalidade.

3.1. A literatura como fonte histórica

A partir das narrativas históricas, no século XX em diante, constroem-se os discursos tomados como caminhos para unir a História e a Literatura. Em suas pesquisas, Roger Chartier (2002) reflete sobre a narrativa e o conhecimento, levando em consideração que os historiadores, ao adotarem uma perspectiva de uma historiografia mais simples, eliminando as construções dos discursos narrativos, mostraria a História como um campo do conhecimento singular e com parâmetros próprios. Sendo assim, Chartier ainda concorda que:

“(...) reconhecer que a realidade passada não é acessível (na maioria das vezes) senão através de textos que pretendiam organizá-las submetê-las ou representá-la não é postular, contudo, a identidade entre duas lógicas: de um lado a lógica logocêntrica e hermenêutica que governa a produção dos discursos; de outro, a lógica prática que regula as condutas e as ações. Dessa irredutibilidade da experiência ao discurso toda história deve dar conta, precavendo-se de um uso descontrolado da categoria “texto”, demasiadas vezes indevidamente aplicada a práticas (ordinárias ou ritualizadas), cujas práticas e procedimentos não são em nada semelhantes às estratégias discursivas”. (CHARTIER, 2002, p.91).

A utilização da literatura como fonte se deu pela escassez de textos teóricos para a reescrita da história por meio dos historiadores e pela nova visão que os historiadores poderiam ter sobre assuntos debatidos, que com a literatura, a possibilidade de haver outras perspectivas acabou crescendo. Essa Nova História, diferentemente da História Tradicional, permitia que o leque de temáticas fosse bem maior, e os historiadores, assim, poderiam ampliar suas visões e conseqüentemente

quebravam os paradigmas de só e apenas utilizarem fontes que fossem baseados nos fatos.

A literatura também trouxe uma nova forma de fazer história, “a história vista de baixo”, a possibilidade de observar a realidade do subúrbio, do homem que vivia na sociedade ganhou o destaque que antes era exclusivo dos grandes homens, os ricos e populares, ou seja, da elite. As fontes e as visões deram um novo sentido à historiografia.

Essa perspectiva ao qual Braga (2021) “A partir dessa perspectiva, toda a atividade humana deveria ser investigada tendo em vista que possuía uma dinâmica histórica e desse modo poderia ser reconstruída”. (BRAGA, 2021 p. 14) se refere é justamente a que podemos observar nas literaturas, muitas usam da ficção para citar ou até mesmo conscientizar a sociedade de muitos assuntos e é nesse viés que a “história vista de baixo” ganha força, visto que, ela pode ser lida por uma porção maior da sociedade, com o gênero literário; ganha um novo olhar da historiografia e passa a ser vista também como história.

Quando nos deparamos com um livro que conta a história de uma lenda, por exemplo, sabemos que essa perspectiva tem origem na história oral e que o autor da obra colocou parte de sua própria visão no texto, mas nada impede que um historiador, com um olhar aguçado possa utilizar daquela fonte para análise e produzir um texto histórico. Essa é a possibilidade que a literatura pode trazer para a reinvenção ou reescrita da história.

Outro ponto que Braga (2021) também menciona é a ampliação dos documentos históricos - que também foi um grande problema para os historiadores e que os levou a olhar com outros olhos a literatura - a literatura ganhou um espaço notável nesse quesito e ampliou as fontes documentais para a produção historiográfica, sendo assim, sua utilização passou a ser de fato, muito procurada pelos historiadores. Além das produções literárias, outras fontes como processos civis, documentos pessoais, transmissão oral e outros passaram a ganhar seus espaços dentro das academias e assim, a suas utilizações dentro das produções.

Com a utilização dessas novas fontes “extraoficiais” as metodologias utilizadas na historiografia tradicional teve que ser reinventada para a sua utilização na Nova História ser mais precisa, visto que as fontes eram diferentes e conseqüentemente as metodologias também deveriam ser. Ainda nessa perspectiva,

o distanciamento entre as outras áreas do conhecimento foram ficando cada vez mais curtas, sociólogos, filósofos e historiadores passaram a analisar textos de economistas, antropólogos, críticos literários e psicólogos com essas passaram a analisar os outros também.

“[...] como defende Pesavento: “na busca de construir uma representação sobre o passado, o historiador está preso a algo que tenha ocorrido e que tenha deixado traços objetivos, pois ele não cria traços, ele os descobre, pela pergunta que faz e o que cria realmente é a versão interpretativa”. (BRAGA, 2021 p 16).

A visão do autor (antes ou depois da literatura como fonte histórica) sempre foi interpretativa, no entanto, para as fontes literárias Braga (2021) menciona que se deve olhar também com a visão e identificar os gêneros literários existentes na obra e problematizar as construções, perpetuações e transformações ocorridas ao longo do tempo, sem mencionar o cuidado que se deve ter em identificar o público alvo do texto e também o contexto que ele foi produzido.

As divisões impostas pela História da literatura - classicismo, romantismo, realismo e modernismo - nem sempre segue o padrão rigidamente, principalmente se levarmos em consideração que a maioria dos textos literários têm estruturas ficcionais, mesmo as autobiografias ou diários íntimos. Como enfatiza Braga (2021):

“Além desse ponto discutido, não se pode perder de vista que o texto literário tem uma natureza ficcional, o que faz com que muitas vezes não seja possível confirmar a veracidade do que está sendo relatado pelo escritor mesmo no campo das escritas de si, como nas autobiografias e nos diários íntimos. Quando a fonte literária não é capaz de responder às perguntas do historiador, cabe a ele “[...] confrontá-las com outras fontes, ou seja, outros registros que permitam a contextualização da obra para assim se aproximar dos múltiplos significados da realidade histórica”. (BRAGA, 2021 p. 17).

Uma das maiores dificuldades que o historiador encontra quando utiliza textos literários como fonte, é a falta de informações precisas como datas, lugares, nome e outros. Sobre isso, Braga (2021) cita Pesavento (2003) em seu texto:

“[...] a Literatura é fonte para a História dependendo dos problemas ou questões formuladas. Se o historiador estiver preocupado com datas, fatos, nomes de um acontecido, ou se buscar a confirmação dos acontecimentos do passado, a literatura não será a melhor fonte a ser usada. Mas, se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se toma uma fonte muito especial para o seu trabalho” (BRAGA, 2021 p. 18).

A literatura deve ser utilizada pelo historiador como fonte para interpretações, portanto, é com ela que seu senso crítico será aflorado e as perguntas surgirão a partir disso. Mas muitos ainda estão presos a noções da história tradicional e presos os aspectos com nomes, datas e lugares, algo que não está errado, no entanto, não faz o leitor, mesmo que seja um historiador também passe a questionar os fatos, uma característica também da história tradicional que a Nova História veio para mudar.

“[...] investigar fontes literárias reforçando como podemos construir metodologias para trabalhar com esse tipo específico de fonte, ou seja, como foi mostrado ao longo do texto, trata-se de uma pesquisa possível e que fornece muitas informações e interpretações plausíveis acerca de um tempo, de uma sociedade, de um espaço ocupado por pessoas que estabelecem relações e de onde se emergem os conflitos, acontecimentos em que se tem uma historicidade dentro da narrativa literária que deve e pode ser investigada com documentos literários”. (BRAGA, 2021 p. 35).

Por fim, devemos entender com os debates feitos por Braga (2021) que a fonte literária é um texto possível e rico para que o historiador possa utilizar em seus estudos, visto que, ele garante ao seu leitor interpretar e pensar assuntos que normalmente não se pense e permite também fazer com que o historiador saia da sua zona de conforto e utilize o que tanto, muitos lutaram para ter seu reconhecimento: a história vista de baixo e a literatura como fonte histórica.

4. O LIVRO “A MULA SEM CABEÇA” DE MARION VILLAS BOAS (ILUSTRAÇÕES DE MARCELO PIMENTEL) E A ESTÓRIA POPULAR

É inegável que cada autor ou autora terá seu ponto de vista sobre determinados temas, no caso deste trabalho, a lenda, uma literatura escrita em forma de cordel. A autora Marion Villas Boas nasceu na cidade do Rio de Janeiro, pedagoga, e possui também bacharel em Jornalismo e Educação, já foi diretora do Instituto de Educação e membro do Conselho de Educação do Estado do Rio de Janeiro, membro do Conselho de Educação do Estado e participou de importantes programas de educação pela TV, como o João da Silva (Educação de adultos) e o Qualificação Profissional, para Professores. Bem cedo definiu a área que queria e optou pela educação de crianças e jovens. Aos dezoito anos, professora de ensino fundamental direcionou seu trabalho ao ensino de crianças e na formação de novos professores. Seu gosto como contadora de histórias começou bem cedo, aos quatro anos, quando já alfabetizada, teve o primeiro contato com a grande paixão de sua vida: o livro. Desde então vem contando estórias para crianças: o irmãozinho, os primos e primas, os amiguinhos e, depois, para os alunos e os filhos, netos e bisnetos. Depois de aposentada como professora, vem contando suas histórias, agora registrada em livros, para crianças e jovens do Brasil. Dentre seus livros para jovens e crianças, podemos citar: “João corre mundo”; “Fadas”, “Dragões e Princesas, nem tanto”; “Notícia de Jornal, Mistérios da Pindorama”; “Carioca, Sim Senhor”. E, agora, publica pela Editora Rovellet a Coleção Estórias de Arrepiar, à maneira da literatura de cordel⁶.

Vale ressaltar que nas minhas inúmeras pesquisas sobre a autora, obtive razoáveis informações e que foram importantes para o desenvolvimento do meu trabalho. No entanto, não encontrei informações se a autora está viva atualmente. Marion, foi uma pedagoga que dedicou parte da sua vida para a educação e para a contação de história, sua paixão por essas duas coisas a levaram a publicar inúmeros contos, cordéis e livros no Brasil; recebeu prêmio de Educação e participou de programas de TV, para contar sua trajetória nessa profissão que amava tanto.

⁶ Informações obtidas no site da Editora Rovellet responsável pela edição que é estudada nesse trabalho. (Site: <https://www.rovellet.com.br/>)

Figura 1: Marion Villas Boas

Fonte: <https://www.rovelle.com.br/autores/13/marion-villas-boas>

Em seu livro “A Mula Sem Cabeça” com ilustrações de Marcelo Pimentel carioca, ilustrador e designer gráfico formado pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e desde 1992 atua no meio editorial. As principais características do seu trabalho são as variações constantes de técnicas e de linguagens, além da predileção por narrativas que explorem a fantasia, o imaginário – contos folclóricos ou fábulas. Recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em 2001 e 2010, e foi selecionado para o Catálogo The White Ravens, da Biblioteca de Munique, em 2001. Expôs na Bienal de Bratislava em 1999, 2001 e 2003, assim como na “BIB in Japan 2004”⁷.

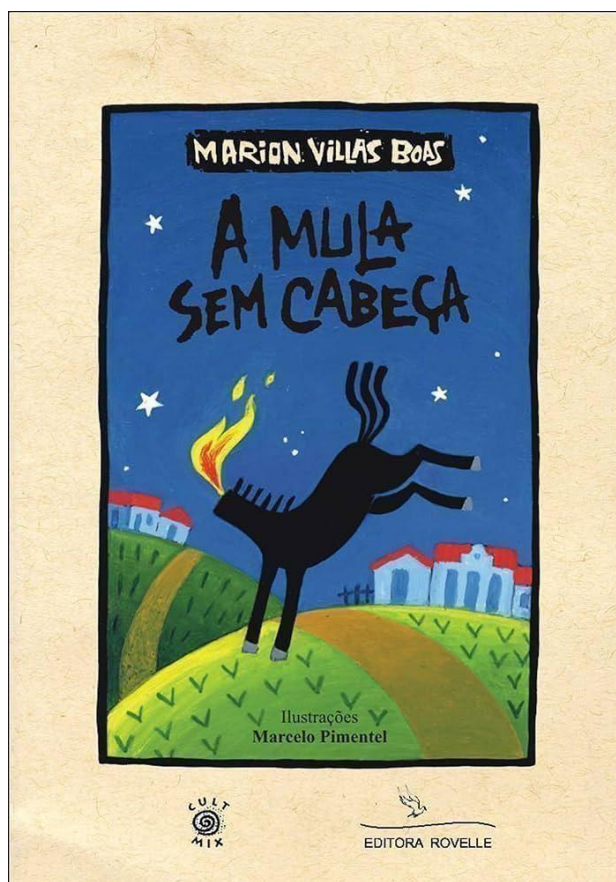
Figura 2: Marcelo Pimentel

⁷ Informações obtidas no site da Editora Rovelte responsável pela edição que é estudada nesse trabalho. (Site: <https://www.rovelle.com.br/>)



Fonte: <https://exposicoesvirtuais.com.br/artists/marcelo-pimentel/>

Figura 3: Capa do livro “A Mula Sem Cabeça” de Marion Villas Boas (Ilustrações de Marcelo Pimentel)



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

As ilustrações presentes no livro são uma bela forma de mostrar visualmente o que o cordel quer transmitir, principalmente para as crianças. Pimentel (2011) teve um cuidado muito grande em mostrar cada detalhe descrito na obra e retratar minuciosamente o que a autora quis dizer. Apenas duas das ilustrações são coloridas, fazendo com que a atenção para eles seja maior, ao menos, foi assim que me senti, observando cada detalhe existente na imagem. Esse detalhe gráfico também pode estar relacionado ao valor monetário da obra, ou seja, menos imagens coloridas, menor o valor do produto.

Figura 4: Cidade ilustrada por Marcelo Pimentel no Cordel da Marion Villas Boas.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

4.1. A religião e o medo na lenda da Mula Sem cabeça

Na página 4, seguindo as numerações do cordel, a primeira frase já chama muita atenção pela escolha da autora em associar o verbo “profanar” com a sexta-feira, podemos concluir com isso, que a sexta-feira sempre foi vista como um dia amaldiçoado e aqui vemos claramente essa representação.

Dentro de várias culturas, há diferentes explicações para a maldição do dia 13 e da sexta-feira. Segundo a fé cristã, a sexta-feira é um dia amaldiçoado pelo fato de

Cristo ter sido crucificado nesse dia, e o 13 foi o número de pessoas presentes na última ceia (12 discípulos e o próprio Cristo); já para a Europa cristã, a maldição jogada nesse dia e data tem ligações diretas com a cristianização dos bárbaros no início do período medieval, como politeísta e devotos da deusa Friga, deusa do amor e da beleza. Com o processo de cristianização, passaram a ver a deusa como bruxa e que toda sexta feira se reunia com onze feiticeiras e o próprio demônio para jogar pragas e maldições na humanidade; e já numa perspectiva dos povos nórdicos, a maldição veio pelo fato de Odin organizar um belo banquete para importante deuses, excluindo o deus da discórdia e do fogo, Loki, que invade a ambiente causando confusão e a morte da deusa Balder, daí surge o mito de que quando se junta 13 pessoas em um ambiente não termina bem. Todas essas perspectivas acerca da sexta-feira fazem surgir questões sobre a estratégica escolha do dia na expectativa de demonizar ainda mais, fazendo ligações diretas com o mal puro e cru.

Figura 5: Cena do Cordel.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

Essa ilustração de Pimentel (2011) enfatiza ainda mais o que foi dito anteriormente, principalmente em relação ao medo das pessoas, poucos tinham coragem de olhar pela janela, como o ilustrador deixa explícito. Essa ilustração reforça como o medo pode influenciar nas nossas ações e era justamente isso que a

igreja tinha como objetivo com a lenda. Impor medo, um respeito forçado; A Mula Sem Cabeça sempre foi um objeto de manipulação, ela foi criada para isso.

“É a Mula Sem Cabeça,
um monstro muito temido,
pois expele forte chamuscas
por seu pescoço partido.
E, quando a Mula escoiceia,
sempre sai alguém ferido”. (BOAS, 2011 p. 4).

Na estrofe acima só reforça como o medo fazia com que a sociedade vivesse em alerta, principalmente nos dias em que possivelmente a Mula Sem Cabeça se transformaria (na madrugada de quinta para sexta). O medo de ser ferido, de cruzar com um ser tão horrendo ou até perder sua vida de alguma forma, afastava a possibilidade de algum romance proibido entre uma moça e um padre, os personagens principais da história narrada pelo nosso narrador, ou seja, a lenda estava fazendo seu papel corretamente, ao menos, na teoria.

Figura 6: Imagens do medo.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

A representação do nosso narrador com uma expressão de medo ao se deparar com a Mula Sem Cabeça, o paralisando de medo de ser ferido ou coisa pior faz com que tudo o que venho falando me dê ainda mais certeza que a estória popular foi introduzida na sociedade para controlar. Uma moça não arriscaria sua

vida com a possibilidade de pecar e se transformar em um ser tão horrendo com a Mula Sem Cabeça, assim, como nenhum morador tinha o desejo de encontrar a Mula.

“pois sei que entre a Terra e o céu
mistérios sem conta há
que um homem, se for incrêtu,
nunca pode imaginar;
Nem mesmo o que é fiel...

Logo após uma
novena, da igreja eu
já saía.
Estávamos na
quinzena de reza à
Virgem Maria, o céu
parecendo cena de um
ato só de alegria.

Um auto pra
festejar a virgem
que sem
pecado deu à luz Nosso
Senhor.
para sempre abençoado” (BOAS, 2011 p 7 e 10).

O termo “Incrêtu” foi estrategicamente colocado nesse texto, nele explica tudo o que a lenda quer repassar para a sociedade: acredite na lenda, não peque e não questione nada sobre a história. O narrador foi salvo pela sua fé, e foi ela também que libertou a maldição, juntamente com a compaixão da Virgem Maria. A sociedade Ocidental tende a crer em um ser divino e essa perspectiva tinha que ser imposta nas pessoas, com a falta ou pouca alfabetização dos moradores, em maior escala os do interior a forma de “catequizar”, controlar e impor medo seria através das histórias populares que iam de boca em boca. Fazer com que, por meio das lendas, mitos e histórias, a população pudesse seguir os mandamentos da igreja, sem dúvidas seria muito benéfico para eles e a lenda tinha esse intuito, por isso os ensinamentos que citei anteriormente são basicamente a moral dessa história.

Mais uma vez a lealdade a igreja e a Virgem Maria é posta em questão, mas com uma nova visão, nesses versos, a Virgem é enaltecida por ter dado a luz a Jesus Cristo, ou seja, a um homem. Será que ela teria o mesmo respeito e

notoriedade se tivesse dado a luz a uma mulher? Talvez sim, visto que a mulher teria um novo olhar perante a sociedade, não mais essa de pecadora pelo erro de Eva, no Jardim do Éden.

“A Mula se
aproximava cada vez
mais; eu sentia, já
não tinha salvação.
Rezei pra Virgem Maria!

Fechei os olhos, rezei
por minha alma
imortal, à Virgem eu
me entreguei para
livrar-me do mal.
No chão face esperando
do monstro o golpe final”. (BOAS, 2011 p. 13).

É difícil pensar o medo que o narrador sentiu ao se encontrar com a Mula Sem Cabeça, mas ele expressa tão forte em suas palavras que podemos perceber um pouco. O desespero que ele sentia, uma fé em um ser divino e a situação desconhecida despertou a disciplina religiosa: seja fiel a seu Deus e ele lhe salvará de todo mal. A igreja possuía essa força e o medo, um instrumento de controle social, faz com que nos apeguemos ao nosso último fio de esperança e era dessa esperança que a igreja se aproveitava. Talvez essa cena não tenha existido de fato, talvez sim, mas a força amedrontadora que ela impõe na sociedade é, de fato, verdadeira, até porque a imagem de uma Mula Sem Cabeça correndo atrás de alguém faz a imaginação e o medo aflorar.

Figura 7: Corrida da salvação.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

“Eu tudo testemunhei,
com uma grande
emoção, eu que sempre
acreditei na força de
uma oração feita com
Fé e na Lei da Santa
devoção”. (BOAS, 2011
p. 16).

O narrador continua enfatizando seu medo e sua devoção à igreja, visto que, mesmo em uma situação de perigo como a que ele narra continua sendo fiel a sua santa de devoção e pedindo a ela um milagre, uma salvação para aquele período que estava correndo. O medo faz com que recorremos a qualquer fio de esperança, e para nosso narrador, a esperança seria a oração.

A história oral sempre esteve nesse lugar de opiniões diversas, uns acreditam, outros não, mas ela persiste fazendo suas considerações ao longo da história das sociedades. O que seríamos nós, sem as lendas, os mitos e as histórias? Como iríamos conhecer nosso passado? Seja ele imaginário, real, verdade ou mentira. O nosso narrador acredita em suas palavras e grande parte da população também acredita. As histórias nascem do contexto, da vivência, e da importância que lhe é dada, como disse anteriormente, essas cenas podem nem ter existido de fato, mas ela criou um imaginário popular, uma realidade que muitos viveram e por mais que não tivessem feito parte da cena descrita, muitos acreditavam no que o outro contou, porque esse é o papel da história, seja ela manipulada pela igreja ou não.

Figura 8: A fé ilustrada..



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

A forma como Boas (2011) usa da linguagem cultural popular em seu livro é fascinante para mim, ela enfatiza ainda mais com essa linguagem a ideia de que a lenda contada é de aspectos rurais. A expressão “besta-fera” que conhecemos popularmente nos dias atuais remete a um xingamento associado ao demônio representado na maioria das religiões ocidentais, no entanto, quando ela é colocada no livro, significa um animal feroz, sem controle, arrisco, nesse sentido, pensamos logo, um leão? onça? cobra? Mas o animal que representa a transformação amaldiçoada da mulher é uma mula, mas especificamente, uma mula sem cabeça.

A escolha desse animal é proposital, nas zonas rurais era comum e em muitos lugares, ainda hoje é visto os padres, sacerdotes e demais pessoas ligadas a igreja terem como meio de locomoção a mula, por ser um animal mais resistente a longas jornadas. Nada mais propício do que esse animal ser a representação de uma maldição a uma mulher que pecou se envolvendo com um padre. Em algumas representações da mesma lenda podemos até nos deparar com nomes como Burrinha De Padre ou apenas Burrinha, justamente pela escolha do animal para essa maldição. O fogo representado seria o perigo que ela passa, de que pode ferir quem se aproximar, pois seu tormento é tão grande que ela não consegue controlar nada quando está possuída pela mula, inclusive Boas (2011) deixa muito claro isso na página do livro citado acima.

De fato, todas essas representações escolhidas para tornar “real” e “verdadeira” uma história faz um certo sentido. Pensamos sobre o assunto, no início da colonização o choque de civilizações e religiões foi enorme, para pôr “ordem” na sociedade, principalmente envolvendo a igreja era propício que esse tipo de estória popular fosse semeado na população, principalmente na do interior, visto que a única representação religiosa desses locais eram os padres.

Mais uma vez destaco algumas palavras usadas pela autora como estribeira e desatino, essas palavras têm conotações interessantes para a história. Estribeira, no livro, tem o significado de prender, como se a mula saísse correndo pelas ruas por não ter algo que a prende (sem estribeira). Já a palavra desatino, entra com o significado de pecar ou cometer coisa errada, fazendo referência ao erro da moça. Esses tipos de palavras ainda são muito usados no interior dos Estados brasileiros, podemos observar o qual minuciosa foi Boas (2011) na escolha das palavras.

4.1.1. As representações da mulher e do padre na lenda da Mula Sem Cabeça

Pensar o papel da mulher e do homem na sociedade é analisar historicamente toda sua trajetória e a influência que ambos possuem ou possuíram nas sociedades. Na lenda da “Mula Sem Cabeça de Marion Villas Boas e com Ilustração de Marcelo Pimentel” podemos observar como, em uma sociedade colonial o papel de cada um era colocado, ou melhor, como os castigos, machismo e a desvalorização se tornou algo que refletia além da realidade, ela passou a compor histórias populares com a finalidade de impor medo e respeito acima de tudo a religião e ao homem.

Nos primeiros trechos do cordel de Marion (2011), temos a visão de um narrador contando a partir da sua perspectiva a visão vivida por ele sobre a história da Mula Sem Cabeça e no decorrer do texto ele vai contando com detalhes o que presenciou. A sua visão sobre a lenda me fez refletir algumas representações que ele cita e os seus lugares dentro da lenda e de certa forma, na sociedade.

Na primeira estrofe destaquei dois versos que já me impactaram de imediato: “de uma mulher que pecou, em monstro foi transformada”. (BOAS, 2011 p. 3), ele destaca uma mulher que pecou e por isso foi transformada, mas qual foi seu pecado? Ela pecou sozinha? Por qual motivo esse pecado a transformou? São questões que passei a refletir do porquê a mulher foi tão castigada. Levando em

consideração o papel de uma mulher na sociedade, apenas vimos um espelho sendo refletido nessa lenda. Em muitas sociedades, a mulher é sempre vista como inferior e isso gerou uma divisão entre as mulheres e os homens que impactaram em toda nossa existência.

A ilustração abaixo mostra o sofrimento que ela sofreu por um pecado que não foi só dela, mas a culpa recaiu sobre seu colo, pois ela era vista com inferior, bicho horrendo e coisas piores e o que pecou com ela, santo. Como exemplo podemos destacar outro verso em que diz: “é que a moça se transforma; em horrível besta-fera” (BOAS, 2011 p. 4), nesses versos podemos ver a associação do seu pecado, extremamente grave segundo a lenda, com um bicho horrível, uma fera sem controle, mas uma vez colocando a mulher como um ser demonizado, inferior e indigno.

Figura 9: perdão pelos meus pecados.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

O próprio narrador se questiona o motivo do castigo, no entanto, ele explica o que aconteceu:

“E por que um tal
castigo sofre essa
pobre coitada,
cumprindo cruel
destino? Por estar
apaixonada, cometeu
um desatino

que a tornou tão desgraçada” (BOAS, 2011 p. 4).

A razão por trás do seu castigo é um amor proibido entre uma moça e um padre. Mas vamos analisar alguns contextos. O padre quando recebe seu sacramento jura perante a Deus e toda a igreja seguir os passos de Jesus Cristo, que seriam a humildade, bondade, lealdade e muitos outros, incluindo não se casar, visto que Jesus Cristo quando esteve na terra viveu exclusivamente para missão de espalhar as palavras de Deus. Visto desse ponto de vista, a parcela de culpa do padre seria razoavelmente grande, entretanto, apenas a mulher recebe o castigo terreno, pois o padre receberá seu castigo no seu pós morte. Isso é o que as estórias populares acreditam, no entanto, nada disso é citado na narrativa da lenda.

Em outra estrofe o narrador expressa ainda mais detalhes sobre essa história:

“Dizem que um padre da
igreja, moço guapo e varonil,
com sua fala macia
a coitada seduziu.

O castigo dessa falta
logo, logo ela sentiu” (BOAS, 2011 p 6).

Observe que as características do padre (guapo⁸ e varonil⁹) diz muito sobre a sua natureza, mas não podemos deixar de pensar que não se trata de um homem qualquer, mas sim um enviado para servir a Deus. Então porque, na lenda, parece que essa parte foi esquecida? Claramente de forma proporcional, visto que a igreja não poderia ser vista com mal olhos. Para isso acontecer qual seria a solução óbvia? Culpar a mulher, já que ela tinha o papel de inferior na sociedade e acobertava a culpa do outro.

Nessa ilustração de Marcelo Pimentel (2011) podemos observar que a representação da mulher é de uma moça inocente, não fazendo muito sentido se pensarmos bem com a história que está sendo contada no cordel. O padre, no entanto, aparece vestido com sua batina, a representação dele acaba também sendo um pouco contraditório, visto que, ele também está cometendo um pecado com tal ato.

⁸ Que detona ousadia, coragem, ousado, valente, dotado de elegância, beleza física, elegante (<https://www.dicio.com.br/guapo/>).

⁹ Características próprias do homem, viril, másculo (<https://www.dicio.com.br/varonil/>).

Figura 10: “Moço guapo e varonil”.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

Outra representação feminina que o narrador nos mostra é a Virgem Maria: “Estávamos na quinzena; de reza à Virgem Maria”. (BOAS, 2011 p 7). A diferença de visão de uma para outra é extrema, enquanto a moça é vista como pecadora, besta-fera e ser horrenda, a mãe de Jesus Cristo é enaltecida, vista como pura e sagrada. Mas não são mulheres? As duas? Por que tanta diferença entre ambas? Confesso que essas questões ainda não são extremamente claras para mim, mas acredito que uma está na sociedade e a outra é o espelho que todas devem seguir, na mesma representação entre Jesus Cristo e o padre. Ele até destaca que a Virgem não teria pecado, enfatizando que a moça só sofreu o castigo porque pecou.

“Um auto pra
festejar a virgem
que sem
pecado deu à luz Nosso
Senhor.
para sempre abençoado. (BOAS, 2011 p 10).

Essa ilustração do Pimentel (2011) representa, na minha perspectiva, a pureza e bondade da Virgem Maria, mas especificamente, Nossa Senhora Aparecida, fazendo também referência a sua história no Brasil. Na lenda contada por Cascudo (2009) não há referência a nenhum milagre feito por Virgem Maria ou qualquer outra representação divina, por isso acredito que a escolha da santa seja proposital, para que a lenda tenha um final feliz, ou até mesmo uma forma de

“catequizar o leitor, até porque não podemos esquecer que o livro tem como público alvo a criança e o adolescente”.

Imagem 11: Santa Virgem Maria.



Fonte: Fonte:

<https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

No decorrer do cordel, o narrador passa a revelar seu anseio e medo assim que se depara com a Mula sem cabeça, ele a descreve com um ser horrendo (MARION, 2011 p. 12), e enfatiza em outros versos o perigo que quem cruzasse seu caminho sofreria, se colocando nesse mesmo lugar quando conta que ela o persegue. Em nenhum momento do cordel o narrador explica de onde ele veio ou porque ele apareceu justamente onde ele estava. Isso dá margem para questionar os motivos da mula ser tão violenta e arriscada. Pensa bem, imagina um castigo, que você se transforma em Mula Sem Cabeça, soltando fogo pelo pescoço toda madrugada de quinta para sexta, o sofrimento dessa moça naturalmente faz com que ela, de fato, seja violenta, é um animal e não podemos deixar de mencionar sua natureza, no entanto, na lenda, faz com que essa violência da Mula seja por culpa inteiramente dela, não da maldição que ela carrega sozinha.

“A Mula se aproximava
cada vez mais; eu sentia,
já não tinha salvação”. (BOAS, 2011 p. 13).

A representação da Virgem Maria fica muito mais forte nas estrofes e versos finais. O narrador engrandece o milagre que a Virgem produz sobre a moça amaldiçoada, a libertando através da fé da reza do narrador e da compaixão que a santa teve com a moça.

“Rezei pra Virgem
Maria! Mas tropecei
numa Pedra e percebi
que caia.

Fechei os olhos, rezei
por minha alma
imortal, à Virgem eu
me entreguei para
livrar-me do mal”.

Quase sem acreditar,
eu vi a transformação
do ser infernal
virando moça de bela
feição,
que o sacrilégio de um
padre tornará uma
assombração.

A Virgem
Compadecida
libertou da maldição
aquela moça sofrida,
vítima de uma paixão
pela igreja proibida,
com o poder da compaixão”. (BOAS, 2011 p. 13).

A imagem ilustra o quanto a Virgem tem o poder de perdão e benevolência, perdoando a moça pelo seu pecado e a livrando de uma maldição terrível. Isso nos dá brecha para pensar: a moral da história seria não pecar se apaixonando pelo padre ou ter a certeza que a Virgem Maria tem compaixão e amor pelos pecadores? Para a igreja no início da colonização, com certeza a resposta seria a primeira opção.

Figura 12: Um grande milagre



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mula-Cabe%C3%A7a-Marion-Villas-Boas/dp/8561521430>

Como toda história que tem o público alvo crianças e adolescentes é comum que o final feliz seja indispensável, mas se analisarmos o cordel com outros olhares percebemos que a lenda não foi criada nessa perspectiva. Pelo contrário, ela foi feita para não ter final feliz, para impor medo nas mulheres do interior, para não serem a burrinha do padre. A Igreja sempre controlou a sociedade, e foi através dessa lenda que impõe seu poder de controle sobre um povo que não conhecia as reais intenções de determinadas coisas e sofriam na inocência de que era castigo divino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em aspectos conclusivos, pode-se considerar que o uso das lendas foi um meio utilizado pela igreja para liderar a sociedade. Utilizar do medo e da fé foi o passo inicial para esse esquema de poder que a igreja usou na vida dos moradores. Quando nos deparamos com a escrita do cordel da Marion Villas Boas (2011) podemos observar que o livro trata de uma lenda e dentro dela vimos várias representações, a do medo, da religião, da mulher e do padre, todas elas estão interligadas e são narradas pelo narrador, com um toque da própria autora.

Quando analisamos o papel da mulher e do padre, na lenda vimos que a mulher recebe a maldição por um pecado que não foi cometido apenas por ela. Essa visão faz com que perguntas surjam, questionando essa “injustiça” com a própria moça. Ora, ela não pecou sozinha, mas porque recebeu o castigo? O padre, uma representação religiosa e sem deixar de enfatizar, homem, não iria receber tal castigo, não porque ele não pecou, mas seu castigo iria ser dado a ele no pós morte, diferentemente da mulher que passaria sua vida vivendo com uma maldição.

O medo e a religião, no entanto, estariam ali nas entrelinhas da história com o papel de impor poder nos leitores, ou melhor, na sociedade em que aquela lenda surgiu. Pensando nisso, a análise seguiu no caminho em questionar tais representações, para entender suas motivações e intuitos, principalmente em relação a mensagem que ela deveria passar.

A mulher, em minha análise, é representada como inferior e pecadora. Seu papel na lenda é ser exemplo de alguém impura que recebeu o castigo e maldição por desrespeitar uma regra da igreja, no entanto, a Virgem Maria, outra mulher representada na história a salvou, pois ela é pura, mãe de Jesus Cristo, portanto, não tem pecado. A diferença entre elas é enorme e seus lugares dentro da história, ainda maior.

O padre, por outro lado, mal é mencionado na história. Seu papel como regente das obras de Deus na terra e sem esquecer, seu papel como homem em uma sociedade comandada por tal, não passa despercebido. Sua representação no livro é apenas a de mostrar que a igreja está acima do pecado, visto que, apenas a mulher recebeu o castigo;

As representações da religião e do medo são as mais explícitas dentro da narrativa, nela podemos observar os pontos onde a igreja utiliza da fé e do medo

para impor suas vontades, poder e limites. Qual mulher iria querer se envolver com um padre e se transformar em uma Mula Sem Cabeça? Ser vista como pecadora, impura e infiel? Ser refém das orações sem fim para que um milagre acontecesse? Por outro lado, o padre não estaria preocupado com nenhuma dessas questões, pois ele estava livre de todas elas. O medo fez com que qualquer movimentação estranha nos arredores fizesse com que os moradores ficassem com medo e procurassem a igreja em busca de abrigo e orações. Nesse contexto, a própria igreja tinha cumprido seu objetivo e tinha a sociedade a seu bel-prazer.

Por fim, destaco a importância de questionar e interpretar, seja literaturas ou demais fontes. Quando passamos a questionar damos abertura para que a história seja recriada, reinventada por demais pontos de vista, ainda mais quando nos deparamos com histórias que advém de história oral, como é o caso das lendas. Os estudos folcloristas nos proporcionam imaginar, reviver e analisar histórias que foram vividas integralmente por nossos antepassados, em suas casas, nas zonas rurais, locais onde tudo acontecia e tudo se via.

REFERÊNCIAS

A Lenda do Negrinho do Pastoreio.

2021. Disponível em:

<<https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/a-lenda-do-negrinho-do-pastoreiro#:~:text=O%20Negrinho%20do%20Pastoreio%20%C3%A9>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

As influências dos portugueses na cultura brasileira. 2015. Disponível em:

<https://www.viladonpatto.com.br/blog/as-influencias-dos-portugueses-na-cultura-brasileira-e735?fb_comment_id=1411705165625725_1460840910712150#:~:text=No%20folclore%20brasileiro%2C%20s%C3%A3o%20de,como%20as%20cantigas%20de%20roda>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BARROS, José D'Assunção. **História e Literatura: novas relações para os novos tempos.** Revista de Artes e Humanidades, n. 6, p. 1-27, maio/out. 2010.

BOAS, Marion Villas. **A mula sem cabeça**/Marion Villas Boas. 1.ed. – Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

BRAGA, Kassiana. A Literatura Historicizada: Algumas Reflexões e Apontamentos. Org. Alex Rogério Silva, Thiago Henrique Sampaio. **Diálogos possíveis: História e Literatura em perspectiva** — São Carlos: UFSCar/CPOI, 2021. v. 2.

BAYARD, Jean Pierre (org.). **História das Lendas** — Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores; tradução Jeanne Marillier. E-book (172 p.). Disponível em: <<https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>> Acesso em: 02 jan. 2024.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**/Luiz da Câmara Cascudo 1.ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2012.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Lendas brasileiras**/Luiz da câmara Cascudo. 1.ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

CEZAR, Temístocles. Prefácio. In: ALBUQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz. **O tecelão dos tempos**: novos ensaios de teoria da história. São Paulo: Intermeios, 2019.

CHARTIER, Roger. **Literatura e História**. 2000. Debates. Topoi Revista de História 1(1):197-216. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314270579_Literatura_e_Historia. Acesso em: 25 jan.2024.

FOLCLORE brasileiro e a influência africana - **Revista Raça Brasil**. 2022. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/folclore-brasileiro-e-influencia-africana%EF%BF%B C/> >. Acesso em: 19 jan. 2024.

FRAZÃO, D. **Irmãos Grimm Folcloristas alemães**. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/irmaos_grimm >. Acesso em: 10 jan. 2024.

MARION Villas Boas. **Editora Rovelte**. Disponível em: <https://www.rovelte.com.br/autores/13/marion-villas-boas> >. Acesso em: 15 jan. 2024.

MUÑOZ GERARDO, Á. **Conceito de Folclore**. Editora Conceitos. 2023. Disponível em: <https://conceitos.com/folclore/> . São Paulo, Brasil. Acesso em: 03 jan. 2024.

SALEME, R. **Walter Scott**. Disponível em: https://www.infoescola.com/biografias/walter-scott/#google_vignette >. Acesso em: 20 dez. 2023.

SANTORO, A.; SARTORELLI, A. V. **Os Vedas**: um livro aberto. 2008. Disponível em:

<<https://super.abril.com.br/historia/os-vedas-um-livro-abe> >. Acesso em: 23 jan. 2024.

SILVA, Daniel Neves. "**Lendas indígenas**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/folclore/lendas-indigenas.htm> . Acesso em: 19 jan. 2024.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Sexta-feira 13"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/sextafeira-13.htm> Acesso em 30 de abril de 2024.